

Gizelda Morais: da Poesia Juvenil à consolidação literária

Wagner Gonzaga Lemos*

Resumo

Este texto, em tom ensaístico, considera a carreira literária da escritora brasileira contemporânea Gizelda Santana Morais (1939-2015), sob a ideia de expor sua atuação em distintas vertentes da literatura, bem como através desta exposição instigar a pesquisa sobre sua obra. Nesse sentido, é que ressaltamos que se trata de uma visão em panorama cuja finalidade é a de apresentar perspectivas a novos pesquisadores, indicando-lhes possibilidades de trabalho. Neste texto sobre Morais, consideramos sua poesia, sua prosa intimista e o que ela denominava, sem prisão a teóricos e definições, de romance histórico. Também colocamos em vista sua única peça teatral, a adaptação de seu romance “Ibiradiô” para a linguagem de encenação. Assim, tendo em vista sua produção em poesia, prosa e teatro expusemos características gerais de suas obras, bem como trouxemos seu roteiro biobibliográfico.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; autoria feminina; Gizelda Morais.



* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). E-mail: wagnerlemos@yahoo.com.br Instagram: @prof_wagnerlemos

Gizelda Morais: From Young Poetry Until Literary Consolidation

Gizelda Morais: De la poesía juvenil a la consolidación literaria

Abstract

This text uses essay language to speak about literary career of Brazilian contemporary writer Gizelda Santana Morais (1939-2015), with objective to expose her work in different ways of Literature and also through this text call researchers to know and work her works. In this way, we say it's a panoramic view to show possibilities of scientific study and ways of work.

In this text about Morais, we consider her poetry, her intimist prose and that she called, without exact definition or ideologic prison, historic novel. We also spoken about the one play of her work, na adaptation of her novel "Ibiradiô". So with her work in prose, poetry and theater we shew general characteristics of her works and we brought her biobibliography profile.

Key-words: Brazilian contemporary literature; feminine authorship; Gizelda Morais.

Resumen

Este texto, en tono ensayístico, considera la trayectoria literaria de la escritora brasileña contemporánea Gizelda Santana Morais (1939-2015), con la idea de exponer su obra en diferentes vertientes de la literatura, así como a través de esta exposición incitar a la investigación sobre su trabajo. En este sentido, destacamos que se trata de un panorama cuyo fin es presentar perspectivas a nuevos investigadores, señalándoles posibilidades de trabajo. En este texto sobre Morais consideramos su poesía, su prosa íntima y lo que ella llamó, sin ceñirse a teóricos ni definiciones, romance histórico. Nos centramos también en su única obra teatral, la adaptación al lenguaje escénico de su novela "Ibiradiô". Así, considerando su producción en poesía, prosa y teatro, exponemos características generales de sus obras, además de traer su guión biobibliográfico.

Palabras clave: Literatura brasileña contemporánea; autoría femenina; Gizelda Morais.



peito das diversas as formas que a Humanidade já ensinou a respeito do valor da figura feminina, desde a deusa Gaia (também chamada Mãe-Terra), passando pela deusa egípcia Ísis, Maria nas suas muitas representações de Senhora ou o sustentáculo eminentemente feminino do ministério de Jesus, é pertinente rememorar toda a carga de preconceito sofrido e as frequentes tentativas de silenciamento sofridas por artistas das mais distintas correntes de Arte.

Basta lembrar que, há alguns anos, se uma autora desejasse ver seus textos nas páginas de algum periódico ou livro, deveria se esconder sob um pseudônimo masculino e ali, nas sombras, sentir o prazer de ser lida. Outrossim, como se não bastasse, se estavam na condição de leitoras, eram bombardeadas com narrativas feitas por homens, que desprovidos de sensibilidade e cheios de insegurança em relação à alheia competência se sentiam ameaçados, desaguardavam personagens femininas em representações superficiais, jocosas, grosseiras e/ou infames. Contra isso, muitas foram as vozes que reverberaram ao longo dos anos para que legitimidade para o devido reconhecimento da humanidade da mulher a fizessem ser ouvida.

Gizelda Santana Morais foi uma dessas vozes que através não só da escrita literária, mas também por uma sólida produção acadêmica, legitimou-se. Nascida em Campo do Brito, Sergipe, em 30 de maio de 1939, faleceu em Aracaju, em 14 de agosto, aos 76 anos, após duríssima batalha contra o câncer. Seus estudos primários foram feitos no interior do estado, na cidade de Tobias Barreto. Por sua vez, os ginasiais e secundários foram realizados no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Ateneu Sergipense, na capital sergipana. Sobre essas origens, estudos e primeiros contatos com a palavra, a escritora declarou em entrevista a mim concedida em 2005:

Falar disso seria quase um romance, Wagner. Resumindo: nasci na cidade de Campo do Brito. Minha mãe (Maria Pureza Santana Morais) era professora estadual, meu pai (Antônio Dória Morais) estava em São Paulo tentando melhorar de vida na expectativa de levar a família. Só fui registrada quando meu pai, já tendo regressado a



Sergipe, a família morando em Riachão do Dantas, nasce minha irmã. Por isso, na minha certidão, consta que nasci em Riachão do Dantas. Dessa cidade guardo as primeiras lembranças, inclusive de um drama ensaiado por minha mãe com alunos do Grupo Escolar e a memória de uma canção cantada nessa peça. Dali a família se transferiu para a cidade de Tobias Barreto onde tive contato com o ABC e as primeiras cartilhas. Na feira semanal da cidade, descobri a Literatura de Cordel. Debruçada sobre a mesa onde eram expostos os livrinhos, examinava as ilustrações e quando comecei a ler passei a ser compradora assídua, com a convivência de minha mãe que pagava o débito. Ao ser inaugurada a Biblioteca Tobias Barreto, na pequena casa que fora habitada pelo poeta e filósofo cujo nome é orgulho da cidade, comecei a frequentá-la, ainda cursando as primeiras séries do Primário. Lia o Tesouro da Juventude e os livros (romances, histórias e viagens) que encontrava nas prateleiras e atraíam a minha atenção. Foram esses os meus primeiros contatos com o mundo da palavra escrita. Aos 11 anos, fui para Aracaju, cursar o Ginásio no internato do Colégio N. S. de Lourdes. No ano seguinte, a família mudou para Aracaju, eu já começara a fazer versos. Fiz o secundário no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, e antes de terminar o curso clássico tive o meu primeiro livro de poesias publicado – Rosa do Tempo, pelo Movimento Cultural de Sergipe, fundado e dirigido pelo escritor José Augusto Garcez. (MORAIS, 2005)

A partir dos seus estudos de terceiro grau é que a autora ganhou novos horizontes. Embora tenha nascido e falecido em Sergipe, a vida de Gizelda Morais foi permeada por experiências em terras distantes. Desde os estudos de graduação em Minas Gerais e na Bahia¹, passan-

1 Graduou-se em Filosofia e em Psicologia. Sobre essas escolhas e seus desdobramentos, afirmou Gizelda Morais: “Na verdade, através das leituras e da observação do mundo, desde cedo me atormentavam aquelas questões que, em geral, afetam os humanos em maior ou menor grau, de maneira mais ou menos organizada. – De onde viemos? Para onde vamos? Qual a finalidade da vida? Por causa disto eu preferi ir para Belo Horizonte estudar Filosofia, quando esta oportunidade me foi oferecida, deixando o curso de Direito para o qual fora aprovada na Faculdade de Direito de Sergipe. Os primeiros homens que se preocuparam em buscar respostas para essas questões foram denominados de filósofos – amigos da sabedoria. Eu queria ser uma amiga da sabedoria. Logo percebi, ao mudar de Faculdade de Belo Horizonte para a Federal da Bahia, a diversidade de res-

do pelo início de um mestrado na Universidade de São Paulo, interrompido, em razão do convite para saltar etapa e ingressar no doutorado na Universidade de Lyon, na França². Nessa instituição, em 1970, no departamento de Psicologia, defendeu a tese “L’Ecriture et la Lecture”. Deve-se registrar ainda que nesse país, Gizelda realizou seu pós-doutorado e lecionou na Universidade de Nice como professora visitante. A partir da ida a Europa, iniciou a série dos muitos países que conheceu e lhe propiciaram a seguinte visão:

Interagir com outros povos é enxergamos aspectos que não percebíamos quando imbuídos de nossa própria cultura. Vemos o mundo por outros prismas e ao olharmos o nosso próprio entorno podemos vê-lo de maneira nova, sabendo, talvez, apreciar melhor suas virtudes, entender suas mazelas, posturas, erros e dificuldades.(MORAIS, 2005)

302



Depois da titulação que fora buscar no velho continente e com muito mais bagagem intelectual, Gizelda retornou para o Brasil dando prosseguimento à carreira de professora universitária nas universidades federais da Bahia, de Alagoas e de Sergipe. Destaque-se que, em seu estado natal, teve relevante atividade na pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, sendo uma das fundadoras do segmento na instituição, de igual modo se sobressaiu na diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Do segmento acadêmico, advieram muitas obras, mas que compuseram uma parcela quantitativa menor do que a produção literária.

postas que eram dadas a essas questões. Considero isso importante na minha formação, pois, a partir daí, passei a rejeitar verdades absolutas nos diversos domínios da cultura humana – religião, política, ciência, filosofia. No amplo campo da Filosofia, passei a me interessar mais pelas questões relacionadas à aprendizagem, ao conhecimento, e à construção do conhecimento através da pesquisa, que constituem a parte da Psicologia com a qual mais trabalhei no meu exercício acadêmico” (MORAIS, 2005).

- 2 Sobre o domínio da língua francesa, convém lembrar que os estudos primários e secundários tinham foco nesse idioma. Aprendia-se com certa desenvoltura, o que tinha progresso através da imersão e convivência na França.

Na atuação literária, Gizelda Moraes escreveu poesia, prosa intimista, romance histórico, biografia³, bem como tem relevante fortuna crítica sobre a poética de Santo Souza. Em poesia, produziu: “Rosa do Tempo” (1958); “Baladas do inútil silêncio” (com Núbia Marques e Carmelita Fontes - 1965, reeditada em forma digital em 2007; “Verdeoutono” (com Núbia Marques e Carmelita Fontes - 1982); “Acaso” (1975); “Aperitivo Poético” (Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Aracaju, SE. Edições de 1986/ 87/88/89); “Cantos ao Parapitinga ou Louvações ao São Francisco” (1992); “Rosa no Tempo”, de 2003.

Uma palavra sobre “Rosa no Tempo”: a obra foi a reunião de suas poesias, mas que, destaque, um quê especial: nessa edição, poetisa revisitou quase meio século depois sua produção e fez um jogo de responder a si mesma. Em um esquema de VERSO, aparecia o texto antigo, mas que era completado pelo que a autora denominou de REVERSO, sua releitura sobre o tema ali posto. Fazendo o texto do passado e sua respectiva compreensão do mundo dialogar com a experiência trazida pelos anos. Diga-se de passagem, que desconheço que tenha realizado semelhante tarefa. Um registro dessa prática:

POEMA

Silêncio!

A noite está dormindo nos poemas

Não vamos acordá-la.

As lágrimas estão correndo

Nas faces dos poemas

As cores, a música, o mar

As pedras, os cabelos e todas as imagens

Estão vibrando nos poemas.

As palavras estão vivas no dicionário

Os poemas estão invisíveis.

Silêncio!

Alguém procura descobri-los.



3 Trata-se da obra “D. Luciano José Cabral Duarte – Relato Biográfico”, editada em Aracaju no ano de 2008 com o selo da Gráfica e Editora J. Andrade.

REVERSO

Meu discurso é a pena
 criada no barulho
 com ruídos estranhos e metáforas
 sem silêncios
 meu discurso é o mito
 das palavras do dicionário
 é a lágrima escorrendo sem um lenço na mão (MORAIS,
 2003, p. 55-56)

Como ocorre com a maioria dos escritores, sua produção começou pela poesia. É fato que muitos de nossos autores enveredam em arroubos de juventude no meio dos versos, que, muitas vezes, abandonam por considerarem uma produção incipiente e imatura. Outros, no entanto, a mantém e agregam outras vertentes, como no caso de Gizelda.

304

Assim, atuou na Poesia, gênero que cultivou desde a adolescência. Sua primeira obra, “Rosa do Tempo”, aos 19 anos, em 1958, em Aracaju, pelo já citado Movimento Cultural de Sergipe, de José Augusto Garcez. Para que se entenda a relevância dessa edição, convém lembrar que foi esse mesmo ativismo responsável por publicar “Cidade Subterrânea”, de Santo Souza e também “Em Sergipe del Rey”, de Câmara Cascudo. Assim, a jovem Gizelda foi ombreada a gente de alto quilate. Moraes também escreveu *Crítica Literária* e nisso trouxe à luz uma das mais significativas análises sobre a poesia de Santo Souza. Na prosa, entretanto, houve seu empenho maior, sobretudo, nos últimos anos.

Dedicou-se à prosa com as obras: “Jane Brasil” (1986), “Ibiradiô - as várias faces da moeda” (1990), traduzida para o francês sob o selo de Éditions du Petit Véhicule (1999); *Preparam os agogôs* (1ª edição 1996), editada em francês com o nome de “Réveille les Tambours” (2009); “Absolvo e Condeno” (2000); “Feliz Aventureiro”; “A procura de Jane” (2008); e “Veleiro da esperança” (2012). Seu último livro foi o romance “A um passo do esquecimento” (2014), do qual tive a honra de ser o revisor, é uma obra que impressiona ao apresentar uma narrativa de tom memorialístico em que a protagonista empreende sua missão metalinguística de registrar pela palavra sua

experiência com o câncer. Reputo a esse texto a insígnia de ser a obra prima da autora, a consolidação de sua carreira literária.

Quando instigada a refletir sobre seus escritos e as vertentes que eles tomaram, Gizelda afirmou:

Wagner Lemos - Qual sua relação entre prosa e poesia? Qual é a mais amada entre as duas na sua produção?

Gizelda Moraes - Comecei com a poesia, como grande parte dos escritores. A liberdade de forma nesse gênero (sobretudo depois que a desvencilharam da métrica e da rima) favorece a expressão dos sentimentos, da observação dos contornos da realidade, das lembranças do passado e da projeção dos sonhos do presente e do futuro. O poeta deixa-se embalar pelo ritmo e manifesta as palavras que surgem de seu consciente e de seu inconsciente, não obrigatoriamente com sentido claro. A tentativa da prosa vem depois quando a experiência de vida é mais sólida, quando já se sabe o que se quer dizer e transmitir - valores, cultura, sentimentos, talvez um pequeno acréscimo à inteligência do mundo facilmente ultrapassada no fluxo permanente da vida. Qual a mais amada entre a prosa e a poesia, não sei. Tenho as minhas fases de paixão por uma ou outra. (MORAIS, 2005)

Nos seus romances, temos caminhos distintos. Há um teor de prosa mais intimista em “Jane Brasil” e “A procura de Jane”; já “Absolvo e Condeno” (2000); “Feliz Aventureiro” e “Veleiro da esperança” (2012) destaca-se a temática da redescoberta existencial dos protagonistas. Em “A um passo do esquecimento” (2014), há uma narrativa de tom memorialístico em que a protagonista empreende sua missão metalinguística de registrar pela palavra sua experiência com o câncer. A personagem é andarilha nos entrelugares de que a vida se perfaz e, lançando mão da arte da palavra para estabelecer-se neste mundo, construindo uma prosa de cunho memorialístico permeada pela ideia do *tempus fugit* em um jogo confere uma maior ponderação da protagonista acerca da vida, bem como de seu espelho, a morte.

Nesse enredo, a personagem central, ao saber-se diagnosticada pela segunda vez com um câncer, desta vez terminal, empreendeu sua missão metalinguística: registrar pela força da palavra e seu poder metafórico uma página por dia. Firmar no papel a sua história, seus sentimentos, suas dores, suas perdas, suas inquietações filosóficas, mas também as físicas, uma vez que os tratamentos, na verdade, muito maltratam seu corpo que peleja contra aquele que a personagem chama de “predador obsceno e demoníaco”. É desse modo que a tessitura do passado se alinhavando com o presente nos traz um exercício de revisão da existência, não só pessoal, mas também coletiva. Um mar de palavras em que a micro e a macro histórias navegam juntas. Ainda sobre esse texto, é relevante assinalar que os sessenta capítulos da obra foram construídos em retábulo. Essa técnica requer do autor uma acurada habilidade: elaborar partes que possam ser lidas independentes umas das outras, mas que em sequência perfaçam uma obra, como o clássico “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos.

306



Nesse sentido, podemos dizer que a estrutura do texto metaforicamente traz a sutileza de que a vida pode ser retomada de múltiplas formas, em saltos da memória ou na linearidade. Também impressiona que a mesma força e sensibilidade poéticas empregadas para resgatar a meninice da personagem nos cordéis da pequena cidade em que se criou, apresentam-se nas reflexões filosóficas do doutorado da narradora ou na comparação entre o pretérito, o presente e o que especula acerca do futuro da Humanidade. “A um passo do esquecimento” transita nas demais obras de Gizelda Moraes, sendo possível se entrever os casarões e as senzalas das vivências humanas, o velejar dos que navegam com esperança, as baladas de sua poesia, os espaços e épocas regidos pelos agogôs da memória e os versos e reversos das inquietações de tantos personagens que caminharam pelo conjunto de sua obra com uma pujança ímpar.

Em outras obras, como “Ibiradiô” e “Preparem os Agogôs”, Gizelda Moraes, sempre pautada na visão das micro e macro histórias, trilhou o território do romance histórico engrossando as fileiras da literatura nacional com um segmento não muito cultivado na prosa contemporânea.

2. De indígenas e negros escravizados: provocações do romance histórico

Nas pesquisas referentes ao doutorado em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, trabalhei com a História Literária como um gênero cujo crescimento se deu entre nós, brasileiros, no período do entresséculos XIX e XX, graças, segundo a tese que formulei, ao papel dado à Literatura e à História.

Penso que as Belas Letras, como era denominada a arte literária, asseguravam, em especial, ao intelectual da primeira metade do XIX um espaço diferenciado, uma distinção. Entretanto, com o Cientificismo que ganhou força na segunda metade desse século, o lastro de diferença abarcou outros ares. Nesse sentido, em minha compreensão, a História da Literatura, feita por figuras como Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior, era a busca desse entrelugar de Arte e Ciência, bem como a reunião de elementos de destaque de fim de Império e início de República. Aliar esses dois territórios era uma estratégia para afiançar capital de cultura letrada a quem os articulasse.

No entanto, o que temos em Gizelda Moraes, segue em um caminho diverso. Não se trata de um discurso que se pretende científico debruçado em um tema da Arte, mas uma construção artística, um manejo com a palavra de ficção, estreitando pontos com um mundo externo a ele, abordado pela História. É o que vemos em “Ibiradiô” e “Preparem os Agogôs”.

Nesses textos de cunho histórico, a polifonia pauta a construção da narrativa provocando-nos a pensar que a História pode e deve ser vista pelos múltiplos olhares. Nesses romances, vemos ganharem voz, por meio da tessitura das narrativas, os desprestigiados e esquecidos da sociedade. Não somente isso, porém, a polifonia em Gizelda Moraes é uma metáfora da condição humana: somos seres múltiplos, estamos em constantes mudanças sempre a carregar as peculiares dimensões em nossas trajetórias.

Um ponto merece ser registrado: as traduções desses romances para o francês garantem a Gizelda Moraes um posto que desconheço tenha sido alcançado por outro prosador sergipano: a romancista se faz presente no amplo universo de leitores francófonos.



No espaço que Gizelda ocupa na literatura brasileira contemporânea, mormente no que se refere à produção de autoria feminina, temos em sua abordagem histórica um projeto de representação daqueles, cujas vozes foram silenciadas, em especial com vínculos com a História de Sergipe. No entanto, essa história local sendo vista numa relação com os planos nacional e estrangeiro.

Posso afirmar que, assim como José de Alencar estabelecera para si um projeto nacionalista representando o que ele considerava diversas faces do Brasil, Gizelda tomou rumo similar. Ainda na entrevista que me concedeu, a autora expôs o norte que a guiava nesse campo de sua prosa:

A vertente histórica, manifestada nos romances *Ibiradiô* e *Preparem os Agogôs (...)* surgiu com o meu sentimento de dívida para com dois segmentos de nossa população, dos quais eu e a maioria da população brasileira descendemos – a indígena (autóctone) e a africana escravizada – espoliadas por aqueles que aqui se estabeleceram para tomar posse das terras e explorar as suas riquezas. A consciência de que a História oficial, aquela que lemos nos livros escolares, não nos contava toda a verdade, levou-me a realizar esses projetos – contar como teria se passado um pouco dessa História através da história romanceada de alguns personagens, carne, cérebros e ossos, recriados no ambiente do passado, com o auxílio de textos pesquisados e contextos imaginados. (MORAIS, 2005).

A obra que inaugurou o romance histórico na bibliografia gizardiana, “*Ibiradiô*”, foi publicado em 1990, sob as luzes das comemorações do quarto centenário da conquista de Sergipe. A autora pretendia elencar o contraponto acerca das festividades com a reflexão de que aquilo denominado como celebração era o genocídio dos povos indígenas.

Para ressaltar esse contraste, a narrativa foi montada em dois momentos históricos: o século XVI estendendo-se ao XVII com ambientação na conquista do território de Sergipe e o século XX, em que personagens Cristóvão, Gaspar e Diogo, cineastas, que busca-



ficaram nas terras das quais um dia foram donos, mas as feições desapareceram porque os corpos foram mortos em genocídio em nome dessa deturpada ideia civilizatória.

Em “Preparem os Agogôs” (1996), temos um texto mais maduro e fluído, em que o diplomata Tomás Gonzaga é fio condutor de uma retomada histórica que atravessa o século XIX dando voz aos trazidos nos navios negreiros. Envolto numa busca existencial, o diplomata investiga suas origens e chega aos barões de Sergipe em tramas que mesclam traições, assassinatos, estupros, negociação de escravizados, adoções, alforrias via luta em guerras. O curioso é notar que embora nomes sejam trocados, muitas dessas narrativas encontram âncora na narrativa histórica em razão de suas semelhanças.

Passam por suas páginas figuras como a de Genésia Fontes, a Dona Bebê. Mesmo não citada nominalmente, a irmã de Lourival Fontes ganha um espaço na narrativa, quando o orfanato de um Oratório da capital sergipana abriga uma das órfãs da trama.

Contudo, o caso mais interessante, a meu ver, é do Barão de Espinhos, personagem sobre quem paira no romance a desconfiança de assassinato da primeira esposa, riquíssima viúva e que casara com rapaz mais moço. Dados biográficos fazem-nos relacionar a narrativa de Gizelda ao Barão de Maruim, João Gomes de Melo (1809-1890), que, assim como o personagem gizeldiano foi senador e contraiu segundas núpcias com uma mulher uma branquíssima mulher europeia, conforme a síntese biográfica de Sebrão Sobrinho em “Laudas da História do Aracaju” ao descrever a família do Barão. No entanto, a história ganhou ares policiais, pois mesmo estando o barão na Europa, pairou sobre ele a suspeita de que encomendara a morte da riquíssima esposa e também providenciara a eliminação dos herdeiros desta a fim de ficar com sua fortuna. Em contraposição às acusações, Gomes de Melo fez publicar “O Barão de Maruim e o processo Rollemberg”, livreto de vinte e duas páginas em que ponto a ponto o senador tentou livrar-se da fama de assassino, tarefa em que, diga-se de passagem, não obteve muito êxito.

Em “Preparem os Agogôs”, há uma analogia feita sagazmente pela romancista: na substituição de Maruim, inseto picador, perfurador, ela batizou a personagem como Barão de Espinhos e deu

ao leitor, que, porventura tenha em seu repertório o conhecimento desse caso da história de Sergipe, os indícios através desse vocábulo uma fagulha de intertextualidade que se complementa na semelhança do enredo.

Em ambos os romances, a autora para quem o ato de escrever representava “a minha melhor forma de comunicação com o mundo, de percepção dos sentimentos, de empatia e interação com os meus semelhantes” (MORAIS, 2005), explorou o entendimento de um compromisso com o tempo é construído a partir do conhecimento sobre o passado para que este seja lição a ser compreendida, mas não uma fórmula a ser repetida.

3. Palavra final e convite

“Enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum modo de dizer não, eu canto”. Ultimamente, quando tenho a oportunidade de falar em público, tenho rememorado esses versos de Belchior, que, na canção “Divina comédia humana”, propagou o que penso do papel da arte, sobretudo, a arte da palavra, território onde me estabeleci: um legítimo instrumento em contraposição ao obscurantismo, ao culto à ignorância que insiste em se alastrar. No entanto, se esmorecemos, ele se amplia. Daí a intensa necessidade de nos vermos premiados a termos a consciência de que é preciso, como na metáfora de Belchior, cantar.

Ao rememorar a trajetória acadêmica e literária de Gizelda Moraes, cumpro, neste texto, um duplo papel: o compromisso do amigo que lhe prometeu divulgar, estudar e incentivar estudos sobre a sua obra e do pesquisador que, empenhado com a nossa cultura, vê a imprescindibilidade de que discutamos a literatura produzida por sergipanos, não na perspectiva de serem sergipanos, mas uma manifestação viva da cultura nacional. Tenho dito já há algum tempo que estudar aspectos de Sergipe, chamando-os meramente pelo adjetivo pátrio, é limitar o voo. Os caminhos de pesquisa devem ter nas suas análises as produções desses autores um diapasão muito maior, compreendendo sua escrita uma expressão de literatura nacional, não se detendo em um discurso reducionista.



Precisamos aprender uma lição que vem de fora: Não se vê limitação de Graciliano como alagoano, Manuel Bandeira como pernambucano, Drummond como mineiro ou Florbela Espanca como alentejana. Todos são descritos como brasileiros e no caso dela, como portuguesa. Essa é a ótica que nos faz lembrar da nacionalidade, não dos distritos em que nasceram Shakespeare, Cervantes, Proust, Joyce ou Camões.

Esse entendimento me foi imprescindível durante o doutoramento, pois Sílvio Romero e José Verissimo, autores que são tema de minha tese, foram vistos como de importância nacional, não meramente um sergipano e um paraense. Assim, é que me pauto para apresentar, nesta oportunidade, a vida e a obra de Gizelda Moraes, bem como fazer digressões sobre o recorte histórico de sua literatura. Também instigar, neste breve texto, a curiosidade, em especial, a científica, sobre as obras de Gizelda. Almejando que, assim, apareçam-me orientações a fazer, em quaisquer vertentes de sua obra, para o fortalecimento de graduação e pós-graduação por meio de pesquisas sólidas. Dessa maneira, alinhados com a Literatura e a Educação, vejamos na autora que construiu amplo e polifônico repertório através do qual deu voz aos despossuídos, formas de não silenciar ante ao obscurantismo que ora insiste em se alastrar.

312

Referências

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

LEMO, Wagner Gonzaga. *Literatura, Ensino e Legitimação: Sílvio Romero e José Verissimo em combate*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Disponível no endereço eletrônico <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-20022020-162836/publico/2019_WagnerGonzagaLemos_VCorr.pdf> acessado em 05 de dezembro de 2022.

MELLO, João Gomes de. *O Barão de Maruim e o processo Rollemberg*. Ao público e aos seus amigos. Rio de Janeiro: s/ed, 1862.

MORAIS, Gizelda Santana. *Jane Brasil*. Aracaju: Ed J. Andrade, 1986.

_____. *Ibiradiô: as várias faces da moeda*. Aracaju: s/ed, 1990.

- ____ *Esboço para uma análise do significado da obra poética de Santo Souza*. Aracaju, 1996.
- ____ *Preparem os Agogôs*. Recife: Bagaço, 1996.
- ____ *Ibiradiô*. Editions du Petit Véhicule. Traduit du portugais par Philippe Meilhac. Nantes, 1999.
- ____ *Absolvo e Condeno*. São Paulo : Vertente, 2000.
- ____ *Feliz Aventureiro*. São Paulo : Scortecci, 2001.
- ____ Entrevista concedida em 2005 a Wagner Lemos. Disponível no endereço eletrônico <<http://www.wagnerlemos.com.br/entrevistagizelda.htm>> acessado em 30 de agosto de 2019.
- ____ *A procura de Jane*. São Paulo: Scortecci, 2008.
- ____ *D. Luciano José Cabral Duarte – Relato Biográfico*. Aracaju: J. Andrade, 2008.
- ____ *Réveillez les tambours*. Traduit du portugais par Bertrand Borgo. Éditions de L’Harmattan, Paris, 2009.
- ____ *Veleiro da esperança*. São Paulo: Scortecci, 2012.
- ____ *A um passo do esquecimento*. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2014.
- SEBRÃO SOBRINHO. *Laudas da História do Aracaju*. Organizado por Vladimir Souza Carvalho. 2ª edição. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2005.
- SOUZA, Santo. *Caderno de elegias*. 3ª edição. Aracaju: J. Andrade, 2001.

